

AD VERSO

Jornal da Adufrgs

nº 95

2ª quinzena de janeiro de 2002

"A face suja do planeta, criminalidade financeira e nova (des)ordem global" promete ser um dos mais importantes seminários do Fórum Social Mundial. Nele, Attac-Itália, Fórum Mundial das Alternativas, Gauche Unie Européenne (Gue) e a associação Terre des Hommes denunciam a lama em que multinacionais, governos e máfias estão atolados, suas relações promíscuas e a lavagem de dinheiro. José Luiz Del Rio, do Fórum Mundial das Alternativas, em entrevista ao Adverso, antecipa este tema.

Página 12

FSM 2002

Um mundo de alternativas aporta na capital dos gaúchos

As mais viáveis propostas para a construção de um mundo mais justo, as soluções para uma vida melhor no planeta. Nunca um lugar do mundo concentrou tantas das soluções como esta cidade ao sul do Brasil. Porto Alegre recebe esta semana milhares de pessoas e suas idéias para uma humanidade que hoje mergulha na guerra e teme os piores efeitos que já despontam do desenvolvimento capitalista.

Páginas 4 a 7



Cristina Lima

A capital da esperança

De 31 de janeiro a 5 de fevereiro, Porto Alegre passa a ser novamente um porto de convergência das principais alternativas saídas dos movimentos sociais do mundo. Militantes e alguns dos principais teóricos de esquerda e centro-esquerda estarão na capital do Rio Grande do Sul tratando de soluções para a construção de um mundo melhor. Se o primeiro Fórum foi um mosaico de novidades, este segundo é a definitiva entrada em um tempo novo, o da construção real de que um outro mundo é possível.

Já estamos vivendo o segundo FSM. Ficou para trás a desconfiança dos céticos, caiu por terra a acusação de anacronismo, descolou-se a pecha de que era um estreito coro de descontentes... A realização do FSM 2002 mostra que pelo menos a utopia se ergue, mesmo que suja de cimento, como dos atentados aos Estados Unidos. Ao contrário do que alguns apostavam, que depois daqueles atos terroristas o movimento antiglobalização econômica entraria em rápido declínio até se extinguir, o FSM 2002 desafia a normalidade ostentando números maiores de participantes do que no ano passado.

O FSM 2002 certamente teve sua fisionomia drasticamente mudada a partir do 11 de setembro. Tanto que, no mesmo dia, na Usina do Gasômetro, quando era lançada a segunda

edição do evento, a palavra que mais se ouviu foi "paz". A busca de uma paz real, com justiça social certamente terá um peso especial esta semana. Muda também o Fórum de Davos, sediando-se em Nova York, depois de 32 anos na Europa. Porto Alegre surge pois dos escombros do século XX, como a cidade da esperança.

Milhares de pessoas de mais de 150 países estarão aqui. Só da França, vêm três candidatos à presidência da República, além de praticamente todos que compõem a cena política do país. Para o Rio Grande do Sul e o Brasil, a realização do Fórum guarda importância política ainda maior. Se muito da sucessão presidencial francesa poderá ser decidida deste lado do Atlântico, imagine-se o que este evento significará para o Brasil e a América Latina.

Convém lembrar que a importância do FSM vem aumentando. Em 2001, Porto Alegre fazia contraponto a uma pequena estação de esqui na Suíça. Hoje, ganha como adversária aquela que é considerada a capital do mundo financeiro. Neste início de 2002, Porto Alegre é então alçada à condição de capital do contrapoder mundial mas, mais do que isso, é elevada à condição de alternativa real à dicotomia que amedronta a humanidade: o terror da Al Qaeda versus o terror dos Estados Unidos.

OBSERVATÓRIO

Fórum de Software Livre

O Rio Grande do Sul, considerado um oásis de software livre, estará sediando mais uma vez, dias 2, 3 e 4 de maio, o Fórum Internacional Software Livre, edição 2002. O evento é realizado pelo Governo do Estado, por meio da Procergs e da Prefeitura de Porto Alegre, e reunirá a comunidade internacional que desenvolve soluções com código fonte aberto. Como o objetivo é aprofundar o debate sobre a produção e uso do software livre, os participantes terão a oportunidade de discutir e apresentar alternativas seguras que promovam a autonomia tecnológica do poder público e de outros segmentos sociais. O Fórum Social Mundial 2002 também tratará do tema. Richard Stallman, presidente da Free Software Foundation, e Marcelo Tossati, novo mantenedor do kernel do GNU/Linux, estarão em Porto Alegre. Estão sendo programadas várias atividades, uma delas é uma oficina que está sendo convocada pela Federação dos Trabalhadores de Informática do Brasil (Fenadados).

Porto Alegre nos jornais franceses

Os principais jornais franceses têm destacado com freqüência a "corrida a Porto Alegre" feita por uma grande parte dos políticos do seu país. Entre eles, estarão no Rio Grande do Sul três candidatos a presidente da República, o prefeito de Paris, Bertrand Delanoë, ministros, deputados, líderes partidários e integrantes de diversas organizações. Uma das matérias do Libération estampava o seguinte título, no dia 20: "Engarrafamento em Porto Alegre", afirmando em seu conteúdo: "não é mais um fórum, é um mercado". O Le Monde destacou: "É o tumulto!... Porto Alegre, promovida a Meca dos antimundialistas no ano passado, será também, em fim de janeiro, a Meca dos homens políticos franceses..." O editorial do mesmo jornal dizia: "Todos em Porto Alegre", comentando: "A viagem a Porto Alegre está na moda para a esquerda".

Aids em debate

O Fórum Social Mundial 2002 estará discutindo pela primeira vez respostas integradas sobre a situação da epidemia de aids no mundo. A Coordenação Nacional de DST e Aids participará do eixo de debates "O acesso às riquezas e a sustentabilidade", avaliando os temas Saber e propriedade intelectual (Trips) e Medicamentos, saúde e aids, junto com a Oxfam Internacional. No final do ano 2000, mais de 36 milhões de homens, mulheres e crianças estavam vivendo com HIV ou AIDS – 25 milhões somente

na África sub-Saariana. Na Botsuana, Namíbia, África do Sul, Suazilândia e Zimbábue, entre 20 e 26% da população de 15 a 49 anos está vivendo com HIV ou aids. Na Índia, estima-se que mais de três milhões de pessoas têm HIV/aids. Na China, calcula-se em 500 mil pessoas no final de 1999.

Informações mais seguras

Nos últimos tempos tem aparecido muitas páginas na Internet tratando do Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Até mesmo alguns piratas se fazem passar por oficiais para confundir os leitores. São sites de organizações de direita que já no ano passado estavam no ar, patrocinados por pessoas interessadas na manutenção de um modelo exclusivo de desenvolvimento. Mas há os sérios, como o www.portoalegre2002.net, portal de informações pautado pelo movimento antiglobalização econômica. O www.ciranda.net é outro endereço importante para quem quer se informar sobre o que acontece em Porto Alegre durante o Fórum. O endereço promete fazer a mais ampla cobertura jornalística do evento. O Estado do Rio Grande do Sul vem com o www.fsm.rs.gov.br, que complementa o oficial www.forumsocialmundial.org.br. Fora do Brasil, pipocam na internet sítios como www.anotherworldpossible.net e www.anotherworldpossible.com, que trazem informações sobre o World Social Forum NY, paralelo ao Fórum Econômico Mundial de Nova York. O www.anotherworldpossible.net é pautado pelo tema "Debates em um tempo de terror". Traz também uma antologia de textos sobre o 11 de setembro feito por seis diferentes editores sobre os atentados em Nova York.

Orçamento Participativo

Uma importante oficina do FSM 2002 vai tratar do Orçamento Participativo. Será um espaço de trocas de experiências sobre participação popular na gestão pública, nos dias 1º e 2 de fevereiro, das 13h às 19h, no Teatro da PUC (prédio 40), em Porto Alegre. A dinâmica de funcionamento do OP no Governo do Rio Grande do Sul, na cidade de São Paulo, e as experiências internacionais de Córdoba (Espanha) e de Saint-Denis (França), serão tema da oficina na sexta-feira, dia 1º de fevereiro. A abertura será feita pelo governador Olívio Dutra e contará com a presença da presidente da Fundation France-Liberté, Danielle Mitterrand.

EXCLUSÃO

Campanha Jubileu Sul quer condenar a dívida externa

A Campanha Jubileu Sul está estudando instrumentos jurídicos para levar o tema da dívida externa dos países pobres ao Tribunal de Haia, na Holanda, ainda este ano. A intenção é passar do plano teórico e simbólico para o prático, criminalizando a dívida externa e exigindo seu imediato cancelamento. Somadas, as dívidas dos países pobres do planeta chegam a cerca de dois trilhões de dólares. Dinheiro que faz muita falta às populações carentes e cujo envio para o Norte condena bilhões de seres humanos à violência, à fome, à falta de educação, saúde, moradia.

Sandra Quintela, do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs), e uma das coordenadoras da Jubileu Sul no Brasil, lembra: inteiro, o Plano Marshall (1948), que reconstruiu o mercado na Europa depois da II Guerra e impidiu o avanço do socialismo sobre o velho mundo, custou cerca de 70 bilhões de dólares. "Pois só no ano de 1999, os países pobres mandaram para o Norte 100 bilhões de dólares em pagamentos dos juros das dívidas, o equivalente a uma vez e meia o Plano Marshall", compara. Sandra e os organizadores da Jubileu Sul consideram os países pobres "exportadores" de dinheiro, num ciclo de contínuo enriquecimento do Norte e empobrecimento do Sul. "Por isso, vamos denunciar a dívida como um crime contra a humanidade", explica, lembrando que pagá-la é aprofundar o fosso entre pobres e ricos.

O Fórum Social Mundial integra a fase de deslegitimação da dívida. O Tribunal Mundial sobre a Dívida Externa, que acontece dias 2 e 3, é o momento simbólico, quando se chamará a atenção da sociedade civil para este assunto. É parte de um lento processo de formação política, diz Sandra, cujo objetivo é a mudança da correlação de forças e o cancelamento dos compromissos com os bancos. A Campanha Jubileu Sul iniciou em 1996, na Inglaterra, chegando rapidamente à Ásia, África e América Latina, com o nome Jubileu 2000. Pretendia cancelar as dívidas externas até o ano 2000. Em 1999 começou a fazer os tribunais da dívida, discutindo a questão e "condenando-a" em diversos países. Recentemente foram realizados o Tribunal Andino, no Equador, o de Buenos Aires, e o de Dakar, no Senegal. Porto Alegre já teve um tribunal da dívida em outubro de 2001.

Dinheiro sujo no livre mercado

Desvendar a "face suja" oculta sob o límpido rótulo do "livre mercado". Essa é a tarefa assumida por um grupo de organizações que tentará mostrar que, pela moderna rede financeira mundial, também giram os produtos do narcotráfico, do terrorismo e da corrupção (leia entrevista na página 12 desta edição). "A face suja do planeta, criminalidade financeira e nova (des)ordem global" é o tema de um dos seminários do II Fórum Social Mundial. Quem assumiu essa tarefa foram quatro



organizações: a Attac-Italia, o Fórum Mundial de Alternativas, o Gauche Unie Europeenne (Gue), um grupo da esquerda no Parlamento Europeu e a associação Terre des Hommes.

O seminário será realizado nos dias 2 e 3 de fevereiro, na PUC, com a participação de estudiosos e combatentes da lavagem de dinheiro. No primeiro dia, sobre o título "Economia suja: um problema neoliberal?", falará o deputado francês Arnaud de Montebourg, com a intervenção "Como se transforma o ilegal em legal: lavagem e reciclagem de dinheiro sujo".

Depois falará o promotor de Genebra, Gherardo Colombo, sobre o tema "Política e corrupção". A brasileira Ceci Vieira Juruá, economista e integrante do Attac, falará de "Paraísos fiscais e fundos de pensão, duas faces da globalização neoliberal". O palestino Tariq Ali trata das ligações de "Terrorismo e especulação financeira". O dia será encerrado por Raffaele Salinari, presidente da organização Terre des Hommes, que se ocupará do tema "O tráfico internacional de minorias".

Dia 3 de fevereiro, o título será "Os tráficos sujos: drogas, armas e seres humanos". Falará Giuseppe Di Lello, europarlamentar de Gue, que falará sobre Máfia e paraísos fiscais". E ainda o russo Sergei Chelukin, que falará sobre as "Privatizações e corruptos" em seu país. E Lee Thnde Asiu, nigeriano, sobre "África do tráfico de diamantes, drogas e conflitos étnicos". Samira Sahar, da Rede de Mulheres Revolucionárias do Afeganistão, se ocupará do "Integralismo, droga e guerra: o caso da Ásia Central". Por fim, o suíço Jean Ziegler, da Universidade de Genebra, fala sobre "O ser humano, nova fronteira do tráfico global".

Seminário discute economia solidária

Um dos mais importantes do Fórum Social Mundial, o Seminário Internacional de Economia Solidária, dias 1 e 2 de fevereiro, contará com a presença de redes de socioeconomia brasileiras, chilenas, argentinas, canadenses, francesas, mexicanas. Parte do esforço propositivo do 2º Fórum Social Mundial, o evento vai tentar construir alternativas, com debates que não deverão se reduzir à teoria. A idéia dos organizadores é de que o seminário traga propostas concretas de articulação para outra globalização.

Entre as questões mais importantes está a discussão sobre o fôlego transformador da economia solidária. Ela pode realmente lançar as bases para uma nova globalização ou só diminuir os problemas existentes? A resposta das entidades que trabalham com economia solidária é de que é preciso pensar uma série de pressupostos, que vão desde a discussão de que projeto político se quer construir. Não se trata apenas de ocupar brechas que o permitidas pelo capitalismo, mas de realmente encontrar soluções para uma solidarização da economia. Os painéis programados são: Economia Solidária com Radicalização da Democracia; Redes de economia solidária e sustentabilidade, e Contribuições da Economia Solidária e da Autogestão a Projetos Nacionais de Desenvolvimento Sustentável.

INTERNET

Notícias diárias, relatórios da categoria e a versão eletrônica do jornal Adverso estão em

WWW.adufrgs.org.br



FSM 2002

Um mundo de propostas está em Porto Alegre

O Fórum Social Mundial 2002 colocou para si o desafio de ser mais propositivo que no ano passado. Não que as alternativas não tenham vindo daquela vez a Porto Alegre, mas a intenção, neste ano, é aprofundar, chegando ao evento já com as propostas prontas. O FSM fica como um momento de apresentação dessas alternativas para a construção de um mundo melhor. Desde o final do FSM 2001, intelectuais e militantes dos movimentos sociais do mundo todo estão enviando textos para o sítio www.forumsocialmundial.org.br. A intenção é apresentar aos participantes do evento as temáticas a serem aprofundadas durante os seis dias de FSM 2002. O Adverso preparou uma matéria especial com algumas das mais importantes alternativas que estarão circulando pelos corredores e mesas da PUC, Ufrgs, Hotel Plaza San Raphael, Auditório Araújo Viana.

Clarissa Pont e Maricélia Pinheiro

Produção das riquezas e reprodução social

Dívida externa

A proposta fundamental desta conferência é tratar a abolição da dívida para libertar o desenvolvimento. Para começar, é preciso pôr fim à hemorragia de riquezas que constitui o pagamento da dívida. É necessário, em seguida, encontrar diversas fontes de financiamento para um desenvolvimento socialmente justo e ecologicamente sustentável. Taxar as transações financeiras, instituir um imposto excepcional sobre grandes fortunas, dar fim aos planos de ajuste estrutural e garantir a volta ao domínio público dos setores estratégicos que foram privatizados. Além disso, a regulação dos mercados financeiros, o controle dos movimentos de capitais e a garantia de proteção dos países que recorrem ao endividamento externo são outras soluções apresentadas na proposta desta conferência. A organização é de Beverly Keene, do Jubileu Sul, da Argentina, e Eric Toussaint, do Comitê pela Anulação da Dívida do Terceiro Setor, da Bélgica. Os debates serão mediados por Bernard Pinaud do CIDSE, da França.

Economia solidária

A economia solidária é um movimento de alcance global que nasceu entre os oprimidos e os velhos e novos excluídos, aqueles cujo trabalho não é valorizado pelo mercado e que não possuem acesso ao capital, às tecnologias e ao crédito. É deles e dos ativistas e promotores da economia solidária que emergem a aspiração e o desejo de uma nova forma de organização da economia e da sociedade. Reconhecendo o potencial transformador da economia solidária, essa conferência pretende debater um projeto estratégico e aliar forças a fim de fazê-lo avançar na prática. A organização é da Anteag do Brasil. Rosa Guillen da Rede Latino-americana de Mulheres Transformando a Economia do Peru e Jose Luis Coraggio debaterão mediados por Sandra Quitela da Pacs do Brasil.

Corporações multinacionais

Esse debate, abordando o paradigma atual da globalização corporativa é organizado pela Global Exchange, e por Joshua Karliner, da Corpwatch, ambos dos Estados Unidos. A mesa de debate, com Martha Ojeda, da Coalition for Justice in the Maquiladoras, conta também com Njoki Njehu, da organização francesa 50 Years is Enough Network.

Controle dos capitais financeiros

A globalização neoliberal tem instaurado a desigual-

dade e a instabilidade em escala planetária. A necessidade de reforçar o controle do mercado e dos atores financeiros, de reformar as instituições financeiras internacionais e promover o controle dos capital flows é debatida por Gigi Francisco, da Rede Dawn, das Filipinas. A organização da conferência fica a cargo do Attac e de Nicola Bullard, da instituição tailandesa Focus on the Global South.

Comércio mundial

A conferência sobre Comércio Mundial organizada por Martin Khor da Third World Network, Dot Keet da África Trade Network e Jean Lapeyre da Confederação Européia dos Sindicatos. Os debate entre Lori Wallach da Public Citizen, Paul Nicholson da Via Campesina e Hector de La Cueva da Aliança Continental do México é mediado por Bernard Cassen, do ATTAC francês. As propostas da conferência não estavam disponíveis até o fechamento da edição.

Trabalho

O movimento sindical é apresentado na proposta dessa conferência como a mais formidável força dentro da sociedade civil nas políticas globais contemporâneas e na política econômica mundial. O FSM é uma oportunidade única para um debate em torno do tema. A conferência sobre trabalho é organizada por Willie Madisha, da Cosatu, da África do Sul, e o debate, com Sylvia Claudio, é mediado por Kjeld Jakobsen, da CUT.

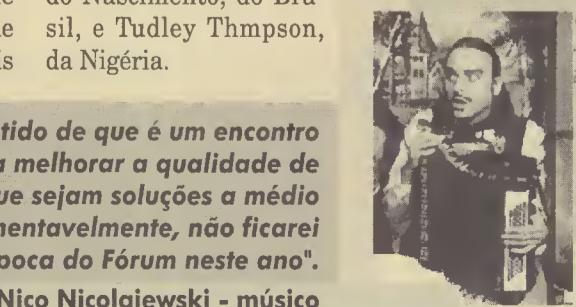
Conferência especial África/Brasil

As redes que organizam essa conferência são o Comitê Afro-Brasileiro e o Fórum Social Africano, do Senegal. O debate entre Pauline Muchina, do Conselho Mundial de Igrejas do Quênia e Aminata Traoré, de Mali será mediado por Jacques d'Adesky, do Centro de Estudos das Américas da Ucam, Bélgica. Outros dois

debatedores anunciados, que ainda não estavam confirmados, são Abdias do Nascimento, do Brasil, e Tudley Thmpson, da Nigéria.

"Me parece uma importância óbvia no sentido de que é um encontro internacional voltado a buscar soluções para melhorar a qualidade de vida das pessoas do povo em geral. Mesmo que sejam soluções a médio prazo é fundamental que aconteça isso. Lamentavelmente, não ficarei em Porto Alegre durante a época do Fórum neste ano".

Nico Nicolaiewski - músico



Divulgação

Moa / Reprodução do livro "O cartum no 1º Fórum Social Mundial"

Hals / Reprodução do livro "O cartum no 1º Fórum Social Mundial"



O acesso às riquezas e a sustentabilidade

Saber, propriedade intelectual

A preocupação em relação aos efeitos das patentes sobre os preços de medicamentos capazes de salvar vidas tem trazido vitórias a essa luta, como nos casos da Corte de Justiça da África do Sul e da disputa EUA-Brasil na OMC. Isto tem criado um clima político no qual é muito mais difícil para os países ricos intimidarem os países em desenvolvimento sobre a questão de

patentes. Apesar disso, os organizadores da conferência acreditam que se deve seguir com a tarefa de mudar as regras. Os ventos mudam no debate sobre patentes. Existem mais oportunidades para as pessoas comuns aprenderem como as regras atuais de propriedade intelectual contribuem para a pobreza e para o subdesenvolvimento e de como aumentar a pressão política por mudanças. Este será um importante passo em direção a um mundo onde o conhecimento e a inovação são bens sociais que servem às pessoas, acima de tudo às pessoas que necessitam, e não bens corporativos que servem a acionistas. A conferência sobre propriedade intelectual é organizada por José Villacán da Oxfam Internacional e por Jean-Pierre Berlan, da França. O debate com Richard Stallman, da Free Software Foundation, dos Estados Unidos, é mediado por François Houtart, do Fórum Mundial das Alternativas, da Bélgica.

Medicamentos, saúde e aids

Essa conferência é organizada por Zafrullah Choudhury da People Health Assembly, da Inglaterra. O debate é com Jorge Beloqui do Movimento Gay, e mediado por Sônia Correa da Ibase/Rede Dawn, ambos brasileiros. Até o fechamento desta edição a conferência sobre Medicamentos, Saúde e Aids não tinha apresentado um texto com suas propostas.

Sustentabilidade ambiental

A organização desta conferência é feita pelo Greenpeace Brasil e pela organização Friends of the Earth. O debate,

mediado por Sara Larrain do Fórum Internacional da Globalização do Chile, ocorre entre Vandana Shiva, da Fundação de Pesquisa pela Ciência, Tecnologia e Ecologia da Índia e Robert Bullard, dos Estados Unidos.

Água - o bem comum

A conferência que aborda o tema é organizada por Ricardo Petrella, do Fórum Mundial das Águas, da Itália, e Medha Patkar, do Movimento de Atingidos pela Represa de Narmada, da Índia. Os debatedores não-confirmedados até o fechamento desta edição, são mediados por Glenn Switkes da International Rivers Network, dos Estados Unidos. A proposta desta conferência é tratar da importância de assegurar o acesso a água potável para todos, combater todas as formas de privatização de recursos e de serviços de água. Garantir o desenvolvimento de novas formas de participação e democracia direta no planejamento e no gerenciamento da água, reconhecer a escassez como uma consequência da degradação dos recursos e a limpeza e restauração destes são pontos fundamentais também apresentados na proposta.

Povos indígenas

Mathieu Conn Come, chefe de nação indígena, do Canadá, é o organizador desta conferência. Os debatedores, o mediador e as propostas ainda não estavam divulgados até o fechamento desta edição.

Cidades, populações urbanas

Guillermo Curiel, da Federação Continental de Organizações Comunitárias do México, é o responsável por essa conferência. Os debatedores e as propostas para a discussão do tema ainda não haviam sido confirmados. A mediadora do debate é Ermínia Maricato, professora da USP.

Soberania alimentar

O debate, que trata da soberania alimentar como a via para erradicar a fome e a desnutrição e garantir a segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos é mediado por Chico Menezes, do Ibase, e Vicent Garcés da Ceral, da Espanha. Os debatedores não estavam divulgados no sítio do FSM até o fechamento desta edição. É necessário assegurar aos povos o direito de definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e diversidade dos modos campeiros, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais. A proposta da conferência encerra avaliando que a soberania alimentar ainda favorece a soberania econômica, política e cultural dos povos. A conferência sobre Soberania Alimentar é organizada pelo Comitê Executivo Internacional do Fórum Mundial de Soberania Alimentar de Cuba.



"A importância dele (Fórum) é enorme, talvez lamentavelmente (mas inevitavelmente) maior lá fora do que aqui. Na Europa, Porto Alegre virou uma referência de verdade para todas as criaturas que não entregaram a rapadura, que não abriram mão de pensar em um mundo menos canalha e menos auto-satisfeito do que esse que nos tocou conhecer. Espero que esta edição tenha a mesma verve, a mesma eletricidade que a anterior, quando todo mundo parecia a fim de que tudo caminhasse bem, a favor das maiorias, a favor da melhoria das condições de vida aqui e em qualquer parte. E que desta vez a gente consiga, além de se encontrar e trocar informações, avançar em algumas conversas. Mas não acho que se deva esperar coisas absolutamente claras e conclusivas - não é para isso que existem as grandes reuniões, muito menos as de esquerda, que naturalmente reúnem gente muito variada. E espero que a gente pense sobre o caso argentino, que é tão próximo e tão significativo".

Luis Augusto Fischer (escritor)



JUSTIÇA

Relatório sobre direitos humanos será divulgado no Fórum

A Rede Social de Justiça e Direitos Humanos divulgará no dia 1º de fevereiro o relatório 2001 sobre violação aos direitos humanos no Brasil. O lançamento acontecerá no Fórum Social Mundial durante o seminário "A história ameaçada: a luta das comunidades tradicionais contra a política colonialista da Base Espacial de Alcântara".

O documento foi produzido por organizações da sociedade civil e relata violações dos direitos humanos no campo e na cidade, tortura nas forças armadas, espionagem do exército, mortos e desaparecidos políticos. O texto aborda o resultado do julgamento do Massacre do Carandiru; a absolvição dos quatro policiais envolvidos na chacina de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, e a violência na Avenida Paulista durante um protesto contra a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

A violência rural e a luta pela terra são tratadas por meio de dados sobre o trabalho escravo no âmbito rural; a violência crescente contra trabalhadores rurais no Sul e Sudeste do Pará; o julgamento dos policiais acusados pelo assassinato de 19 trabalhadores rurais em Eldorado dos Carajás; a impunidade no caso Margarida Alves, líder sindical morta há 18 anos na Paraíba; as consequências da construção de grandes barragens no Brasil; o entrave na demarcação das terras indígenas, e as obras inacabadas contra a seca, que já consumiram cerca de R\$ 830 milhões.

Outro capítulo do relatório é dedicado às questões relativas aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, entre eles as reivindicações dos movimentos afrobrasileiros; a luta das comunidades quilombolas contra os deslocamentos causados pelo Centro de Lançamentos de Alcântara, no Maranhão. Inclui também o caso de 21 meninos pobres que apareceram mortos no Maranhão e tiveram seus órgãos genitais extirpados. Mais informações: tel (11) 3275-4789 / 3271-1237; E-mail: rede@social.org.br.

Stallman no Acampamento

O presidente da Fundação para o Software Livre e fundador do Projeto GNU, Richard Stallman, será uma das principais atrações da oficina sobre software livre do Acampamento Intercontinental da Juventude.

Stallman, importante figura do movimento do Software Livre, também estará no debate da manhã do dia 2, no eixo "Saber e Propriedade Intelectual". Criada em 1985, a Fundação para o Software Livre defende o direito dos usuários de usar, estudar, copiar, modificar e redistribuir programas de computadores. A oficina do Acampamento da Juventude, com a presença de Stallman, ocorre no dia 3 de fevereiro.

Afirmiação da sociedade civil e dos espaços públicos

Combate à discriminação e à intolerância

A proposta da conferência gira em torno da necessidade de garantir a utilização de todos os meios possíveis para que a discriminação e as práticas de trabalho degradantes sejam proibidas. Também trata de que as pessoas a elas submetidas sejam reabilitadas em ocupações que assegurem sua dignidade. O objetivo do combate à discriminação e à intolerância é estabelecer igualdade de oportunidades para todos os setores da sociedade. A conferência é organizada por Anna Leah Sarabia, Martin Macwan, da National Campaign on Dait Human Rights – ambos da Índia – e pela Aliança Estratégica Afro-descendente da América Latina e do Caribe. O debate entre Tariq Ali, do Paquistão, e Martin Macwan, é mediado por Lilian CeliBerti, da Articulación de Mujeres Marco-Sur, do Uruguai.

Democratização das comunicações e da mídia

Um ponto fundamental na construção de um outro mundo possível é a comunicação democrática, participativa, rica em diversidade de conteúdos e identidades, mas apoiada em valores comuns. A proposta desta conferência é debater um sistema informativo e comunicacional que não pertença às forças de mercado, seja uma resposta aos desafios que a globalização neoliberal nos impõe hoje. Um sistema no qual a informação tenha em conta a troca criacional e as suas inquietudes, ao invés de buscar satisfazer o mercado, encarando-o como valor final. Um sistema que busque estar sempre mais próximo das pessoas, dos processos, do exterior. Enfim, um sistema na qual a comunicação vá sempre se transformando mais no mecanismo de acesso, de participação, e de expressão de um mundo multipolar, que através do consenso e do diálogo construa um mundo melhor. A proposta conclui que, para tanto, devemos construir alternativas e novos caminhos, e não apenas nos refugiarmos em idéias do passado. Os responsáveis por essa conferência são Osvaldo León, do Equador, e Roberto Sávio, da Itália. O debate com Jeff Cohen, da Fairness & Accuracy in Reporting, dos Estados Unidos, é mediado por Anriette Esterhuysen, da França.

Produção cultural, diversidade e identidade

A conferência é organizada por Isaac Imruh Bakari da Aliança pela Solidariedade e um Mundo Responsável, da Inglaterra, e Maria Luisa Monteiro, da Youth of Rio, Brasil. O debate conta com a presença de Aminata Traoré, do Centro Hamadou Hampaté BA de Mali, Aureli Argemí, do Centro Internacional Escarré para las Minorías Étnicas y las Naciones (Ciemer) e da Conferencia de Naciones sin Estado de Europa (Conseu) e de Javier Pérez, Red de Centros Culturales e Trans Europe Halles, esses dois últimos da Espanha. O mediador do debate é Charles Riera do Fórum Alce, da Espanha. O texto com as propostas da conferência não estava disponível.

Perspectivas do movimento global da sociedade civil

A renovação da solidariedade internacional, principalmente depois da intervenção militar no Afeganistão, é cada vez mais necessária. A guerra é denunciada em uma crítica ao militarismo colonial, entendendo que o capitalismo está ciclicamente ligado à produção de guerras. É pautado também um debate sobre as formas de defesa das liberdades públicas e dos direitos do cidadão que devem ser assumidas, assim como a luta por uma democratização radical da vida social e sua ligação com a produção e a distribuição de riquezas. As organizações responsáveis pela conferência sobre as perspectivas do movimento global e da sociedade civil são a Clasco, da Argentina, e o Movimento de Resistência Global, da Espanha. A mediação do debate entre Dita Sari, da Indonésia, Eduardo Fernández do Uruguai, e Naomi Klein, do Canadá, é realizada por Vitorio Agnoletto, do Fórum Social de Gênova.

Cultura da violência, violência doméstica

Abordar a violência contra a mulher como uma realidade transnacional e transcultural, criticar os regimes fundamentalistas, as formas extremas de institucionalização da violência contra a mulher, e o comércio sexual, essa indústria cada vez mais próspera. São essas as propostas dessa conferência, que tratará, entre outros assuntos, dos sofrimentos pelos quais as mulheres passam e os quais elas combatem. A proposta trata de uma solidariedade concreta e da necessidade de terem coragem de denunciar. Também cria um paralelo entre globalização neoliberal e violência, abordando principalmente a questão da mulher dentro do mercado de trabalho. Uma das consequências da globalização neoliberal é o deslocamento de empresas do norte em direção ao sul, em busca de mão-de-obra barata. A conferência condena a globalização capitalista neoliberal porque ela se apoia sobre a divisão sexual do trabalho para criar desigualdades suplementares entre os homens e as mulheres, terreno mais do que favorável para o crescimento da violência. A organização da conferência é de Sashi Sail, da Marcha Mundial das Mulheres, do Canadá. O debate ocorre entre Jurandir Freire Costa da (UFRJ) e Makai Aref, da Associação de Mulheres do Afeganistão. A mediadora do debate é Fátima Mello, da Associação Brasileira de Ongs.

Migrações, tráfico de pessoas

As pessoas de origem estrangeira e, mais particularmente, aqueles que se encontram em situação irregular nos países ricos são as vítimas da internacionalização liberal, constituem um reservatório de mão-de-obra barata. A situação é agravada pela dependência deles com

"Porto Alegre é, hoje, conhecida no mundo todo como a capital das lutas e pleitos democrático-socialistas, bem como a sede da grande resistência às nefastas teses neoliberais. Torna-se, assim, obrigação dos artistas gaúchos, em período coincidente ao Fórum, darem sua contribuição a este grande evento, oferecendo uma programação cultural de altíssimo nível. Isto, certamente, vai fazer com que nosso Estado e nossa capital também se inscrevam, em nível mundial, como grandes produtores e promotores de bens incomensuráveis, como a cultura e a diversão para todos".

Zé Vitor Castiel - ator



Edgar Vasques / Reprodução do livro "O cartum no 1º Fórum Social Mundial"

respeito ao mafiosos de redes de tráfico de seres humanos, sem a intervenção da qual fica quase impossível entrar no território dos países ricos. Essa conferência trata de migração e tráfico de mulheres, crianças e refugiados e é organizada por Patrick Mony, da França, Mônica Santana, da Inmigrantes Indocumentados, organização dos Estados Unidos e da República Dominicana, e Lorenzo Prencipe, da Itália. O debate com Necie M. Luceiro, das Filipinas, é mediado por Nilda Iraci da Rede Latino-americana e Caribenha de Mulheres Negras.

Educação

A proposta desta conferência está expressa na Carta de Porto Alegre pela Educação Pública para Todos, criada no fórum Mundial de Educação. O Fórum Mundial de Educação se preocupa em pensar a construção de redes que incorporem pessoas, organizações e movimentos sociais e culturais locais, regionais, nacionais e mundiais que confirmem a educação pública para todos como direito social inalienável. A educação garantida e financiada pelo Estado, nunca reduzida à condição de mercadoria e serviço, na perspectiva de uma sociedade solidária, radicalmente democrática, igualitária e justa. Bernard Charlot, do Fórum Mundial de Educação, e Paul Belanger, do Consejo Mundial de Educación de Personas Adultas, são os organizadores desta conferência.

Sergio Haddad, da Ação Educativa e da Abong, do Brasil, é o responsável por mediar o debate entre Marta Maffei, do Foro International de la Educación da Argentina, Jocelyn Berthelot, do Fórum Continental de Educação do Canadá, e Maria Paula Menezes, da Universidade de Moçambique.

Poder político e ética na nova sociedade

Organismos internacionais e arquitetura do poder mundial

Mudar o enfoque do crescimento, reduzir radicalmente o desequilíbrio do meio ambiente, submeter o setor privado e o Estado a um monitoramento permanente por parte da sociedade civil, criar uma nova forma de produção e um forte intercâmbio que inclua as comunidades cooperativas, planos públicos e privados e incentivar a produção de mercadorias que tenham saída no mercado comunitário e nacional, a um custo razoável para preservar a comunidade. Trata-se de uma estratégia que submeta a lógica do mercado aos valores de segurança, equidade e solidariedade social. Essa conferência, coordenada por Walden Bello, da Focus on the Global South, Tailândia e Roberto Bissio, da Social Watch, Uruguai, terá como animador Teivo Teivainen, do Network Institute for Global Democratization, da Tailândia. O debate fica por conta de Aurélio Vianna, da Rede Brasil, e Susan George, da Attac França. Walden Bello, da Focus on the Global South, irá propor um modelo de sistema pluralista de governabilidade econômica global, que tem como base a "desglobalização". Isso significa reordenar as economias dos países subdesenvolvidos, voltando a produção para o abastecimento local, o que deixaria o mercado interno mais dinâmico.

Governabilidade do pluralismo global

Para Walden Bello, a "desglobalização" só pode acontecer se for estabelecido um sistema de governabilidade global alternativo. Os riscos de uma ordem econômica global podem ser observados na OIT, um sistema monopólico com regras universais impostas pelas grandes instituições e centradas nos interesses das corporações, em particular norte-americanas. "Tentar submeter isto a outro sistema global centralizado por regras e instituições é como reproduzir o 'Jurassic Park' onde coexistem organizações tão diferentes como IBM, FMI e o estado soviético", diz um texto de Bello. As relações econômicas entre os países priorizaram o esforço para institucionalizar um livre sistema de mercado global e falharam ao identificar a quantidade de necessidades que surgiram com o avanço do feminismo, ecologia e economia pós-desenvolvida.

Globalização e militarismo

Traça um paralelo entre a globalização e o militarismo. Inicia abordando a questão dos ataques estadunidenses ao Afeganistão, apresentados como apenas uma parte da contra-ofensiva imperial que possui várias segundas intenções: restabelecer a subordinação da Europa a Washington e o controle total na região do golfo, estender a penetração militar na América Latina e na Ásia, aumentar a intervenção militar na Colômbia e estender o poder no resto do con-

tinent e repreender protestos contra as corporações multinacionais e instituições financeiras internacionais. Nessa conjuntura a esquerda enfrenta a contra-ofensiva imperial de Washington e também tudo que isso implica como o perigo do crescimento de arsenal bélico. A conferência é organizada por Claude Sefarti, da Universidade de Saint-Quentin-en-Yvelines, da França, e por James Petras, dos Estados Unidos. O debate entre Lily Traubman da Mujeres de Negro, de Israel, Héctor Mondragon, da Colômbia, e Alfredo Wagner, do Brasil, é mediado por Marcela Escrivano da Alternatives, do Canadá.

Princípios e valores

Michael Löwy e Frei Betto são os autores do texto que serve como proposta para essa conferência, no qual analisam a diferença entre os valores de Davos e os valores de Porto Alegre. "Aqueles que se reúnem em Davos – banqueiros, executivos e chefes de Estado, que dirigem a globalização neoliberal (ou globocolonização) – também defendem valores. Não devemos subestimá-los, pois eles acreditam em três grandes valores e estão dispostos a lutar com todos os meios para salvaguardá-los – até guerra, se for preciso. (...) Os três grandes valores do credo de Davos: o dólar, o euro e o yen. Estes três não deixam de ter suas contradições, mas, juntos, constituem a escala de valores neoliberal globalizada." O debate é mediado por Francisco Whitaker, da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, do Brasil, e conta com a presença de Celia Amorós, da Espanha, e Vijay Patrap, da Índia.

Soberania, Nação, Estado

Daniel Bensaïd, da França, vai propor uma discussão sobre o Estado, Nação e Império. Segundo ele, a emergência do sistema Estados-nações na Europa tem por reverso o processo de colonização e de dominação imperial do mundo. "O que se designa como ordem westfaliana, aparecida no meio do século XVII, é uma ordem parcial e desigual. Certos Estados permaneceram com efeito plurinacionais", diz Bensaïd em artigo sobre o tema. Segundo Bensaïd, a ONU é uma assembleia dos Estados e seu Conselho de Segurança permanece é um clube fechado das potências vitoriosas da última guerra mundial. Como não há um poder legislativo internacional, acaba valendo o direito do mais forte, que se impõe com o aval da ONU quando possível. O termo "soberania", de acordo com o pensador francês, foi inventado pelos campeões da globalização liberal para estigmatizar as resistências a essa globalização comerciante e a suas consequências sociais negativas. A conferência será organizada por Daniel Bensaïd, da Universidade de Paris VIII, França e Edgardo Lander, da Venezuela. Emir Sader, do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO), Brasil, atua como animador e Xavier Gorostiaga, da Guatemala, Michael Hardt, dos Estados Unidos e Isabel Monal, da revista Marx Ahora, Cuba, serão os debatedores.

Alimentação alternativa

A Secretaria da Agricultura e Abastecimento, a CEASA-RS, e várias associações urbanas e entidades rurais ligadas à agricultura familiar, promoverão o Espaço de Alimentação Saudável, com dois locais na PUC e no Anfiteatro Pôr do Sol. Estarão à venda alimentos produzidos por cooperativas urbanas e agricultores familiares, como risoto de legumes, carreteiro, peixe na tavares e produtos ecológicos, entre outros. A iniciativa inclui ainda um trabalho de educação ambiental, com a disponibilização dos kits de Alimentação Saudável. O objetivo é reduzir a utilização de utensílios plásticos. Um kit, produzido artesanalmente por assentados da reforma agrária, cooperativas de artesãos e apenados do sistema prisional do Rio Grande do Sul, promove geração de renda. Os kits estarão disponíveis para venda nos Espaços de Alimentação Saudável.

Direito à cidade

A Secretaria Estadual da Habitação, junto com organizações nacionais e internacionais, realiza no FSM 2002 o Seminário Mundial pelo Direito à Cidade Contra a Desigualdade e a Discriminação. Um dos objetivos é formular uma Carta Mundial dos Direitos Humanos nas Cidades. A partir das diretrizes do documento, será elaborada uma Plataforma Mundial de Luta pelo Direito à Cidade, articulando entidades, governos e movimentos sociais de diversos países. Dia 1º de fevereiro, das 14h às 17h, no Centro de Eventos 2 da Puc, debate-se "A cidade como um espaço político, produtivo, sustentável e reprodutivo da vida social, em tempos de globalização", "O direito à cidade como enfrentamento à desigualdade e à discriminação", "A função social da propriedade e a produção social do habitat" e "Gestão democrática e financiamento da cidade". Estão confirmadas as presenças de Saskia Sassen - professora de Sociologia da Universidade de Chicago, EUA, Henrique Ortiz - HIC - Habitat International Coalition, Roberto Ottolenghi - Agência Habitat da Nações Unidas - ONU, Tarso Genro - Frente Nacional de Prefeitos; Patrick Braouezec - prefeito de Saint-Denis, França e Rose Waruhiu, da Comissão de Huairou - Nairobi, Kenia. A urbanização intensiva, diz o secretário da Habitação, Ary Vanazzi, é um dos fenômenos mais complexos das últimas décadas, produzida por um padrão de desenvolvimento que priorizou a expansão da industrialização em nível internacional.

Esquema especial

O Estado está preparando um esquema especial de segurança para o período do Fórum Social Mundial 2002. A Brigada Militar e a Polícia Civil atuarão de forma integrada para garantir segurança aos participantes do evento. A Brigada Militar contará com 900 policiais militares, 100 viaturas, 35 motos e 70 cavalos. As unidades priorizarão alguns pontos onde haverá grande circulação de pessoas, como a PUC e o Parque da Harmonia. A Polícia Civil terá 40 agentes policiais do Departamento de Polícia Metropolitana (DPM) e do Departamento de Polícia do Interior (DPI). Estarão em ação delegados que falam inglês, espanhol, francês, italiano e alemão.



Bebeto Alves - músico

GLOBALIZAÇÃO

Não foi por acaso que o FSM de Porto Alegre nasceu: foi precedido por um ano de manifestações “globais” que se seguiram à de Seattle. À mercantilização do mundo, os cidadãos responderam inventando uma manifestação mundial por procuração

Os desafios do II FSM



Gilles Luneau*

Janeiro de 2001.

Na iminência de um temporal tropical, o rio Guaíba ganha cores atormentadas, do azul marinho ao marrom. A lagoa vizinha a Porto Alegre serve de barômetro aos milhares de visitantes incomuns. Subitamente, o céu descarrega um toró morno sobre a capital do Rio Grande do Sul, sem, no entanto, alterar a participação apaixonada dos 4.702 delegados oficialmente inscritos (num total de 13 mil, incluindo parentes e amigos), vindos de 117 países, para os debates do I Fórum Social Mundial (FSM). Transformado em símbolo do movimento internacional de resistência à globalização liberal, o FSM nasceu em oposição ao Fórum Econômico Mundial (WEF) de Davos, onde um círculo de poderosos, dirigentes de empresas “globais”, se reúne durante uma semana, no mês de janeiro, nos últimos 30 anos.

Esse movimento ganhou visibilidade na mídia a partir de Seattle, em novembro de 1999, por ocasião da conferência de ministros da Organização Mundial do Comércio (OMC). A partir de então, manifestações e fóruns de debates tornaram-se um hábito a cada vez que ocorrem as principais reuniões das instituições multilaterais. E essas manifestações são sempre significativas – inclusive quando a reunião é cancelada, como foi o caso da reunião do Banco Mundial, em junho de 2001, em Barcelona – e revelam ao mundo inteiro quem decide e onde são decididas as principais orientações que pesam sobre a vida cotidiana, quais os mecanismos que imobilizam os políticos, quais as forças e os interesses que agem acima das leis e dos Estados.

Uma manifestação mundial por procuração

Alguns dias após o encontro de Davos de 2000, dois representantes de entidades brasileiras e o presidente da Attac-França tiveram um encontro, em Paris, para discutir a criação de um anti-Fórum Econômico Mundial. Na sua visão, não se tratava meramente de criar mais um espaço de crítica à globalização liberal, mas, principalmente, de propor um encontro para a troca de experiências e para a formulação de propostas, surgidas a partir das sociedades, tanto do hemisfério Norte quanto do Sul. Teria o nome de Fórum Social Mundial e seria realizado no ano seguinte, exatamente na mesma data daquele que ocorreria na Suíça¹. Para janeiro de 2001, após uma rápida avaliação das opções possíveis, escolheram um país, o Brasil, e uma cidade: Porto Alegre. A capital do Estado gaúcho (1,3 milhão de habitantes) tem uma dimensão simbólica, pois os prefeitos do Partido dos Trabalhadores (PT), que a vêm governando, sucessivamente, há doze anos (Olívio Dutra, Raul Pont e Tarso Genro), desenvolveram uma forma de democracia original: o orçamento participativo. E o próprio Estado elegeu Olívio Dutra governador. Entre suas primeiras decisões, a proibição de culturas de organismos geneticamente modificados.

Não foi por acaso que o FSM de Porto Alegre nasceu: foi precedido por um ano de manifestações “globais” que se seguiram à de Seattle (Bangkok, Washington, Genebra, Bolonha, Millau, Praga, Bangalore, Melburne, Seul e Nice). À mercantilização do mundo, os cidadãos



responderam inventando uma manifestação mundial por procuração. O princípio é simples: cada instituição-alvo – o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial e o recém-chegado Conselho Europeu – é objeto de uma manifestação regional à qual se juntam delegações estrangeiras. Os contestadores regionais apresentam as reivindicações dos outros continentes durante os encontros, debates e fóruns organizados por ocasião de cada evento, assim como seus slogans, faixas e cartazes.

A Marcha pela Dignidade

Para além da aparência insólita de suas reuniões – existem entidades de todo tipo, de sindicatos e movimentos feministas aos ambientalistas e organizações de defesa das liberdades etc. – eles se unem em torno do fundamental: bloquear o caminho para a desregulamentação liberal, à especulação financeira, às violações de direitos humanos e aos prejuízos ao meio ambiente. Não existe concorrência entre as reivindicações, mas uma sinergia que põe em destaque a dívida dos países em vias de desenvolvimento, o repúdio à privatização dos seres vivos, a defesa dos serviços públicos e a proteção dos recursos naturais.

As manifestações que ocorreram em 2001 (México, Buenos Aires, Québec, Gôteborg, Gênova, Beirute e Bruxelas) levavam a marca de Porto Alegre: aprofundaram a reflexão sobre as soluções, globalizando a esperança de que “um outro mundo é possível”. No México, em março de 2001, alguns dos principais atores do FSM encontraram-se com o subcomandante zapatista, Marcos, na véspera de sua entrada na capital mexicana, organizando a Marcha pela Dignidade. O encontro com Marcos foi, antes de tudo, uma homenagem aos insurretos de 1º de janeiro de 1994, dia em que entrou em vigor o Acordo de Livre Comércio Norte-Americano (Nafta), abrindo caminho à resistência contra a globalização liberal.

A expansão da Attac no mundo

Na Europa, os zeladores da ordem econômica liberal logo compreenderam que o movimento se instalava em caráter permanente e representava soluções alternativas. É então que surge – em Gôteborg, em Barcelona e, principalmente, em Gênova – uma estratégia de criminalização dos militantes daquilo que os meios de comunicação passaram a chamar “anti-globalização”. No dia 15 de junho, em Gôteborg, quando se reunia o Conselho Europeu sob presidência sueca, a polícia abriu fogo sobre os manifestantes... com balas verdadeiras. Balanço: um ferido em estado muito grave (que depois se restabeleceu) e várias outras pessoas com ferimentos mais leves. Um mês mais tarde, em Gênova, por ocasião da reunião do G8, os cerca de 200 mil manifestantes que se juntaram ao *Genoa Social Forum* foram vítimas da provocação e violência policiais: um morto e centenas de feridos.

O problema da violência

Na França, uma centena de deputados criou uma Coordenação dos Deputados membros da Attac na Assembléia Nacional – que também existe no Senado e no Parlamento Europeu – e obtiveram a aprovação, no dia 19 de novembro de 2001, em uma emenda à Lei das Finanças, do princípio da Taxa Tobin.

Co-fundadora dessa Coordenação, Chantal Robin-Rodrigo, deputada radical de esquerda da região do País Basco, vê nisso “uma vitória certamente simbólica, já que a arrecadação não entrará em vigor senão quando os outros países da União Européia adotarem uma medida

idêntica. Mas o caminho percorrido em três anos foi considerável”. Entretanto, a entidade é vigilante quanto a seu estatuto de movimento de educação popular e, portanto, quanto a sua independência em relação aos partidos: nenhum candidato será apresentado ou apoiado pela Attac nas eleições de 2002².

A tentativa que se fez, logo após os atentados de 11 de setembro, de apresentar os adversários do liberalismo como aliados objetivos de Osama bin Laden – mediante o silogismo “ser anti-globalização é ser anti-norte-americano e, portanto, é ser cúmplice dos terroristas” – não teve efeito junto à opinião pública. O que não significa que o movimento anti-globalização liberal não tenha enfrentado sérios problemas. Um deles é o da violência, principal argumento utilizado por seus adversários para desacreditá-lo.

Contra a lei do mais forte

Em relação a isso, Gênova significou um divisor de águas, na medida em que ali se pôde observar como a polícia italiana infiltrou elementos provocadores no movimento anarquista, ou “autônomo” (o Black Block), para tentar sabotar e criminalizar uma manifestação gigantesca e pacífica. Dentro do movimento, as vozes que tendiam a aceitar esses grupos como companheiros de caminhada – ainda que seus métodos possam parecer contra-producentes – já não encontram eco. Atualmente, a imensa maioria condena energicamente o uso da violência e se afasta de quem a pratica. O que não significa torná-los seus adversários: de quem é a culpa se a sociedade liberal produz esse tipo de grupos? Por ocasião das manifestações de Bruxelas, no dia 13 de dezembro (atendendo à convocação da Confederação Européia de Sindicatos) e no dia 14 de dezembro (convocada exclusivamente por entidades – entre elas, o Attac-Bélgica –, sindicatos e partidos próximos do “movimento”), e que reuniram, respectivamente, 80 mil e 25 mil pessoas, as ações violentas praticamente não existiram.

O pós-11 de setembro coloca também outros tipos de dificuldade. Mesmo que as políticas neoliberais continuem produzindo efeitos catastróficos, como é o caso, por exemplo, da Argentina (leia, nesta edição, “O naufrágio do ‘modelo FMI’, de Carlos Gabetta), há a questão da “luta contra o terrorismo” que, em parte, alterou o quadro. O governo norte-americano que, em Doha, já tinha convocado a OMC em sua cruzada “anti-terrorista”³, pretende ir mais longe em todas as áreas. Como salienta José Bové, “a globalização militar acompanha a globalização econômica desde a queda do Muro de Berlim e a guerra do Golfo. É preciso entender que uma se serve a outra”. Mas, por outro lado, as prioridades da mídia mudaram, e as organizações multilaterais já não alimentam tantas ilusões: perceberam a rejeição que existe às suas políticas liberais e procuram, agora, “dialogar” com os militantes “anti-globalização” e, se possível, para cooptá-los. Até aqui, sem qualquer resultado.

Nesse contexto de contrastes, o II Fórum Social Mundial de Porto Alegre ganha uma importância adicional. Não será apenas um encontro entre milhares de sindicalistas, entidades e políticos com o objetivo de se definirem os bens comuns da humanidade, de se exigir sua conformação à atividade econômica e de se formularem políticas alternativas. Será também a ocasião – quase cinco meses depois do 11 de setembro – de reivindicar um mundo que não se submeta à lei do mais forte.

Tradução Jô Amado

* Jornalista.

1 - Para conhecer a origem do FSM, ler, de Bernard Cassen, “Uma virada política e cultural”, in Forum Social Mundial. A construção de um mundo melhor, org. Antonio David Cattani, co-editado por seis instituições, entre as quais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

2 - Será lembrado esse princípio durante uma grande manifestação festiva, organizada pela entidade Zénith, em Paris, no dia 19 de janeiro de 2002.

3 - Leia, na edição do Le Monde Diplomatique de novembro de 2001, vários artigos a esse respeito.

Ensino integrado na segurança

Oficinas tratarão da política de ensino integrado dos agentes de segurança pública do Rio Grande do Sul. Serão organizadas aulas pelo Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos (DDRH) da Secretaria da Justiça e da Segurança (SJS), nos dias 3 e 4 de fevereiro. As atividades acontecem no auditório do Montepio da Brigada Militar (MBM), na Rua dos Andradas, 772, 2º andar, e na Escola da Susepe (ESP), localizada no 21º andar do Centro Administrativo do Estado, na Av. Borges de Medeiros, 1501. O seminário “Formação e Ensino em Segurança Pública – Razões de uma Metodologia Diferenciada”, acontecerá no dia 3, às 14h, no auditório do MBM.

Fórum de Juízes

De 31 de janeiro a 2 de fevereiro, estará acontecendo em Porto Alegre o 1º Fórum Mundial de Juízes, idealizado pela Associação Juízes para a Democracia, com apoio de diversas entidades brasileiras e internacionais de magistrados. O evento tem como objetivo colocar a magistratura internacional em contato com as reivindicações que, sendo autenticamente democráticas, signifiquem a luta pacífica de todos os povos pela inclusão social. Um mundo melhor, segundo os organizadores, exige um Judiciário mais consciente de seu papel na construção da globalização da justiça, na redução das desigualdades e na eliminação da miséria. Será no Hotel Embaixador – sito na Rua Jerônimo Coelho, 354.

Mais de 45 mil camisinhas

A Secretaria Estadual da Saúde (SES) vai distribuir durante o Fórum Social Mundial cerca de 45 mil camisinhas, junto com material educativo sobre DST/Aids. Do total, 12 mil preservativos serão distribuídos no Acampamento Intercontinental da Juventude. Doze mil preservativos serão doados pelo Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa). Outros 22 mil preservativos vêm do Planeta Fêmea, um evento paralelo ao Fórum e dirigido ao público feminino. A SES manterá um ambulatório com atendimento de enfermagem e uma ambulância no Acampamento Intercontinental da Juventude para funcionar à noite e de madrugada no Parque da Harmonia.

Oficina sobre rádios públicas

Nos dias 3 e 4 de fevereiro, a TVE/RS promove a oficina “A TV e a Rádio Públicas no Brasil: a construção de uma alternativa fundamental para a democratização”, às 14 horas, no Prédio 12 da PUC, sala 501. A FM Cultura de Porto Alegre realizará cobertura do Fórum Social Mundial, com um estúdio transmitindo ao vivo do centro de eventos da PUC, além de disponibilizar, para todas as emissoras que desejarem, boletins de cinco minutos, através da Rede Fórum Social Mundial. As emissoras interessadas em receber os boletins da Rede e as coberturas de encerramento e abertura poderão captar diretamente da internet, acessando o endereço www.fmcultura.com.br ou por satélite, para o caso das rádios que já possuem os receptores da FM Cultura.

Félix H. D. González - Professor do Instituto de Veterinária/Ufrgs e 2º vice-presidente da Adufrgs

Colômbia: por que patina o processo de paz?

Nas últimas semanas vem sendo noticiado o vair-vem dos diálogos pela paz entre o governo de Pastrana e guerrilha das Farc-EP. Com o acúmulo de desinformações está ficando difícil entender o que realmente acontece nessas negociações.

A primeira questão que deve ser colocada é por que é necessária a paz na Colômbia, ou melhor por que existe guerra na Colômbia?

Este país, com 42 milhões de habitantes, segundo em população na América do Sul, vem sendo governado há mais de um século pelos partidos liberal e conservador que representam claramente os interesses dos poderosos, das famílias donas do país.

Em 1948, o bipartidarismo viu ameaçado o seu domínio político com o surgimento de Jorge Eliécer Gaitán, um líder populista vindo do próprio partido liberal. Ele denunciava a injustiça social, a corrupção, a miséria e, o mais importante, tinha carisma e discurso convincentes para ganhar eleições.

Foi então que começou o primeiro capítulo da violência na Colômbia quando o partido conservador mandou assassinar Gaitán em plena via pública, no momento em que saía de seu escritório de advocacia em Bogotá.

A população, cega de raiva, destruiu prédios e vias públicas, sendo necessária a intervenção sangrenta do exército para conter a multidão. Controlada a situação na cidade, a guerra se deslocou para o campo, onde por oito anos se viveu uma violência inaudita, em que conservadores, exército e paramilitares massacravam famílias inteiras com suposta ou real filiação ao partido liberal. Os liberais se defenderam criando grupos guerrilheiros, dos quais Guadalupe Salcedo foi seu maior líder.

A década de 1950 foi de muita violência no campo, com um saldo de 300 mil mortos, até a obtenção de uma trégua e um acordo de paz feito entre o governo do General Rojas Pinilla (único governo militar na Colômbia no século 20) e os grupos guerrilheiros liberais. Houve anistia e integração dos ex-combatentes na sociedade. Porém, no decorrer do ano seguinte, os governantes colombianos mostraram o que seria a marca registrada dos processos de paz: os anistiados foram assassinados um a um nas ruas das cidades.

Alguns guerrilheiros que não acreditaram naquele primeiro acordo de paz continuaram armados, o que veio a ser uma posição de sobrevivência naquele momento. Entre eles estava Manuel Marulanda, cujo grupo, pouco tempo depois, se integraria às recém-constituídas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

Durante as décadas de 1960 e 1970, além das Farc, surgiram outros grupos armados, entre os quais o Exército de Libertação Nacional (ELN), o Exército Popular de Libertação (EPL), o Movimento 19 de Abril (M-19), o Grupo Quintín Lame (guerrilha exclusivamente de indígenas) e a Autodefesa Operária (ADO).

A maior parte da esquerda estava na legalidade, principalmente representada pelos diferentes Partidos Comunistas (PCC, PCC-ML), o Movimento Obrero Independiente e Revolucionário (MOIR, de corte maoista) e os grupos trotskistas (atomizados).

Uma parte representativa da esquerda legal criticava as ações "foquistas" da guerrilha, por considerar que elas exacerbavam a repressão ao movimento sindical e popular. Nas eleições, a esquerda nunca conseguiu superar a marca do 5%, por conta das práticas



Cristina Lima

No Forum Social Mundial, participe da oficina
"É possível a paz na Colômbia?"

Dia: 4 de fevereiro de 2002

Hora: 15h

Local: Auditório da Faculdade de Direito da Ufrgs

Temas e Painelistas:

- **Geopolítica do Plano Colômbia e a Iniciativa Regional Andina:** Prof. Aluizio Leal (UFPA)
- **Colômbia: Essa democracia genocida:** Gloria Inés Ramírez (Frente Social e Política - Colômbia)
- **Propostas de paz no meio da guerra na Colômbia:** Representante das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC-EP).

clientelistas dos partidos tradicionais.

Mas o destino violento da Colômbia começa a ser marcado com o aparecimento do narcotráfico, na década de 80. Os traficantes começam a ter poder econômico e político. A forma preferida de lavar os dólares do narcotráfico foi mediante a compra de terras. As melhores e mais férteis. Cada vez, os domínios dos traficantes crescam mais e mais até entrarem nos campos onde a guerrilha tinha influência. A reação foi a formação de grupos paramilitares de combate à guerrilha, com a anuência dos governos e o apoio explícito,

militar e político, do exército regular.

Porém, o que deveria ser uma estratégia de eliminação dos guerrilheiros logo se tornou uma estratégia de eliminação de qualquer pessoa ou grupo de oposição à política de fome, miséria, corrupção e injustiça. Assim, instaura-se um regime de massacre a sindicalistas, jornalistas, juízes, estudantes, líderes cívicos, religiosos, professores e população civil supostamente simpatizante da guerrilha.

Em 1984, o governo de Belisário Betancur, tenta um acordo de paz, que fracassa pela ação belicista do exército e pela pusilanimidade de Belisário. Contudo, a guerrilha tenta entrar na luta política legal, mediante a formação de um movimento civil, a União Patriótica. A resposta, mais uma vez, foi o aniquilamento: mais de três mil militantes da UP foram assassinados em cinco anos. Entre eles, dois candidatos a presidente da República, senadores, deputados, prefeitos, vereadores e simples militantes de base.

O paramilitarismo, consolidado nas Autodefensas Unidas da Colômbia, dedicou-se a eliminar fisicamente a oposição política e permitiu, de quebra, um fortalecimento dos movimentos armados, como resposta à falta de garantias de vida dos lutadores populares, sindicais e ativistas de direitos humanos que denunciavam os massacres e a política de terror. O governo fez vista grossa e até permitiu a formação de grupos paramilitares legalizados (as cooperativas chamadas Conviver), com apoio logístico e militar oficial. A impunidade sobre os milhares de assassinatos políticos na Colômbia campeia – menos de 0,5% dos crimes políticos encontram punição.

Os massacres de campões levaram o terror ao campo e causou o enxotamento de mais de dois milhões de pessoas dos seus lugares. O clima de terror já chegou também às cidades e mais de um milhão de colombianos saíram do seu país nos últimos cinco anos.

O processo de paz ora proposto por Pastrana começou em 1998, quando ele assumiu a presidência. Uma zona no sul do país foi desmilitarizada, por exigência da guerrilha, para poder discutir a paz em calma.

Porém, o tempo avançou e o governo não cedeu um milímetro nas propostas feitas pelo movimento armado, as quais eram reivindicações próprias de um partido social-democrata: reforma agrária, fim do paramilitarismo e do terrorismo de Estado, menos gasto militar e mais investimento em educação, saúde e moradia. Enfim, paz com justiça social. Uma simples proposta de troca de prisioneiros de guerra não se concretizou após mais de dois anos de discussões. O governo nada fez para barrar a ação dos grupos paramilitares, que continuaram com os massacres.

A paz que o governo e os donos do poder querem é através da rendição incondicional da guerrilha, sem mais concessões. A guerrilha, por sua vez, não quer deixar as bandeiras de justiça social pelas quais luta há 40 anos.

Eis o impasse gerado no conflito colombiano que para muitos analistas políticos não tem uma saída no curto tempo que ainda fica Pastrana no governo. A perspectiva, pelo contrário, é de agravamento da situação bélica, uma vez que os atuais candidatos a presidente, salvo o candidato da oposição (Frente Social e Política, partido nascido da CUT) são contra a continuidade dos diálogos e muito menos de zonas desmilitarizadas.



Uma história da utopia

Em "História da Utopia Planetária" (Editora Sulina), que terá lançamento em Porto Alegre durante o Fórum Social Mundial, o belga Armand Mattelart, intelectual de grande influência no pensamento latino-americano, descreve, analisa e reconstrói a história da utopia, para mostrar como o futuro foi sonhado ontem. A obra, considerada um documento intemporal, é um registro da capacidade indestrutível da humanidade de nunca parar de produzir a transformação. Mattelart tornou-se conhecido mundialmente com "Para Ler o Pato Donald", escrito em parceria com Ariel Dorfmann. Leia a seguir um trecho da introdução do livro.

"O mercado está prestes a ter êxito onde fracassaram os grandes impérios e as religiões fundadoras: fundir o conjunto de seres humanos em uma comunidade global". Este leitmotiv foi escandido em todos os tons pelas janelas da guerra econômica nos anos oitenta e legitimou a saga das mega-concentrações selvagens no auge do processo de desregulamentação e privatização. Com o auxílio de global events, decretou-se o fim da História. Tendo a crença no triunfo inelutável do sistema comunista entregue suas armas, o velho oráculo sobre a vitória fatal do pancapitalismo encontrava, enfim, sua solução. Com a prosperidade se conjugando à globalização, caberia, a partir de então, aos atores da razão mercantil iriam tirar a humanidade da crise e conduzi-la na direção dos amanhãs que cantam.

Os novos messias da edificação planetária não cessaram de proclamar que os negócios confortam a paz, tornam o mundo melhor e recíproco: a partir do conflito do Golfo, em 1991, sua "guerra", o canal CNN chegou a construir sobre esta crença pacifista sua imagem de modelo da empresa cidadã do mundo (...) Gravada em letras douradas sobre um bloco de granito aos pés da Grande Muralha da China, não longe de Pequim, pela empresa global de origem européia que financiou a restauração de um segmento do imponente monumento, pode-se, desde maio de 1989, ler esta inscrição: "Antigamente destinada a proteger dos ataques inimigos, a Grande Muralha, hoje, reúne os povos do mundo. Ele pode continuar a funcionar como símbolo da amizade para as gerações futuras".

Do fundo dos séculos cristãos ressurgiu a noção de "grande família humana". Os pastores da religião tecnoglobal tornaram a vesti-la para a circunstância prometendo conduzir o rebanho de fiéis ao eldorado numérico de uma nova democracia ateniense. Tamanho foi o estouro dos sinais da market mentality que esqueceu-se que Roland Barthes havia, nos anos cinqüenta, virado o rosto a este mito unanimista da "grande família dos homens", com o motivo de que ele "repousa sobre uma mistificação

muito antiga, que consiste sempre em colocar a Natureza no fundo da História".

Colocar a Natureza no fundo da História: é justamente o que a ideologia da autodisciplina e da autoregulação ao extremo, levada pelas grandes unidades do capitalismo mundial integrado, teve incumbência de atingir, naturalizando as "forças do mercado" e as da técnica (...)

A partir da Renascença e das grandes viagens o desejo de paz universal reveste a busca de um espaço sem fronteiras. A ultrapassagem da fórmula de um estado agarra do a um soberania territorial autista aparece como o remédio à barbárie e ao inumano (...) Na segunda metade do século XIX, os partidários do livre comércio também se põem a falar da linguagem da "fraternidade internacional". Evocação que lhes vale uma vergastada da parte de Karl Marx que a decifra como "enclausuramento do mundo inteiro em uma rede de trapaça financeira e de endividamento recíproco"(...)

O período que vai do último quarto do século XIX à Primeira Guerra Mundial é uma virada no crescimento da importância da longa história dos projetos de integração mundial. Consagradas como "agentes da civilização", redes técnicas suscitam as primeiras utopias que maquinam um mundo no qual a civilização teria "seu centro em toda parte, sua circunferência em parte nenhuma (...) Desde o começo do século XX, a palavra "mundialismo" designa o poderoso movimento que leva as sociedades humanas à unificação. As múltiplas versões dos "Estados Unidos do mundo" que florescem na esteira da proposição de Liga das Nações pelo presidente Wilson, reclamando para si a herança kantiana, incitam a pensar que a humanidade nunca esteve tão perto da comunhão (...)

(...) O longo período dos totalitarismos e da ameaça do holocausto nuclear porá uma surdina nas lógicas mercantis, deixando crer que apenas a razão geopolítica e os atores estadistas estão aptos a comandar o mundo. O desespero será apenas mais brutal (...)



"No pensamento único não há cartunistas"



"O cartum só sobrevive num ambiente em que se pode ter opinião, onde se pode pensar o que quiser". A opinião é do cartunista Edgar Vasques, editor de O Cartum no 1º Fórum Social Mundial (Corag). O livro, com 29 desenhos de cartunistas gaúchos, traduz em imagens muito do que está sendo debatido no movimento antiglobalização econômica. Um desses assuntos é a diversidade cultural e o pluralismo. Vasques afirma: "O contexto do pensamento único não tem cartunista, não pode ter, se tiver, será um, o do pensamento único, mas dois não".

O livro estará sendo vendido a R\$ 16,60 e reúne um catálogo de cartuns feitos para o Fórum de 2001, e que foi publicado com o nome "Davos? Tô fórum". Como no ano passado, será uma exposição ao mesmo tempo estática e dinâmica. A parte estática é a exposição "O fórum é mais embaixo – o cartum contra-ataca", que ficarão até março no quarto andar da Usina do Gasômetro. Além disso, foram feitos pôsteres, banners (que estarão na PUC) adesivos, cartões postais e outras formas de aplicação dos desenhos.

ORELHA



Octaedro
Julio Cortázar

Publicado originalmente em 1974, é a obra mais madura do autor.

Composto por oito contos curtos e apostando no humor, no fantástico e no imaginário, o livro apresenta o escritor, de Bestiário e 62 Modelos para armar, no auge de sua criatividade. Civilização Brasileira, 128 p. R\$19,00.



Sobre a propriedade do trabalho intelectual
Uma perspectiva crítica
A. L. Figueira Barbosa

Aborda quase um quarto de século de reflexão sobre a propriedade industrial e, mais recentemente, por evoluções tecnológicas, também sobre a propriedade intelectual. Editora da UFRJ, 416 p. R\$18,00.



O Indigitado
Carlos Heitor Cony
Romance narrado a partir de uma inusitada

inspiração: o dedo indicador. Ou melhor, a falta dele. O enredo: duas ciganhas roubam um bebê de seu berço e, em seu lugar, deixam um outro, cigano. Objetiva, 182 p. R\$22,90.

WWW

Arte Moderna

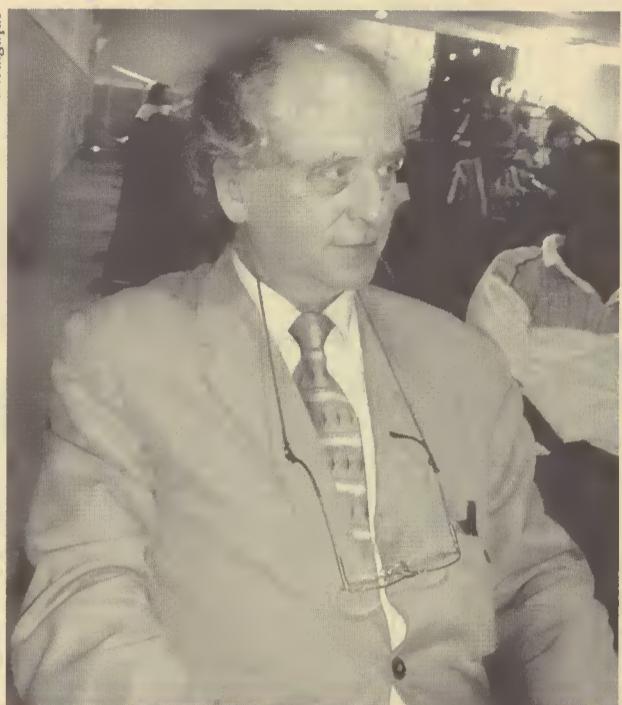
X www.mam.org.com.br
Sítio do Museu de Arte Moderna de São Paulo com diversas informações sobre sua história, seu acervo e sua biblioteca.

Livros usados

X www.traca.com.br
Esse sítio é um sebo virtual, que oferece busca detalhada no acervo que inclui várias raridades e encomenda pela internet.

“O estado está acuado pelo liberalismo bandido”

Divulgação



Del Roio: “Todas as grandes redes que trabalham com armamentos se apóiam nos paraísos fiscais”

ADverso | Os ataques terroristas aos EUA provocaram algumas declarações por parte do presidente George W. Bush sobre o financiamento de redes terroristas por dinheiros de paraísos fiscais...

José Del Roio - Houve uma denúncia. Mas é claro, é óbvio que todas as grandes redes que trabalham com armamentos ilegais têm que se apoiar nos paraísos fiscais. Só que se a gente olhar direito para os 40 maiores paraísos fiscais, todos pertencem à União Europeia ou a áreas dos EUA. Bastaria que Canadá, EUA e União Europeia decidissem acabar com os paraísos. Em mais ou menos seis horas eles acabariam com os paraísos fiscais. Acabaria de imediato. Mas, você viu se depois dos atentados algum paraíso fiscal acabou?

Adverso - Mas há um fortalecimento muito grande de alguns grupos mafiosos e terroristas. Simplesmente acabar com os paraísos fiscais seria uma solução? Ou precisaria um trabalho maior, a mais longo prazo?

Del Roio - Isso já é outro aspecto. O que é um grupo tipo a Al Qaeda? Tem como característica de ação realizar massacres. Como tecnologia, usa a mais avançada, através de informática e computadores. E a terceira característica? Ter a verdade. "Deus quis, é assim". Pense um pouco. Qual a coisa mais parecida com eles que existe? É a administração dos Estados Unidos, que realiza massacres. Basta olhar o próprio Afeganistão. A ONU fala em cinco mil inocentes, entre crianças, homens e mulheres. E os Estados Unidos usam também a mais alta tecnologia. Tal como a Al Qaeda, quando ela consegue. E em terceiro lugar, eles também têm a verdade: fazem a guerra em nome de Deus. Então essa tal de Al Qaeda é a coisa mais próxima que existe na direção do império neoliberal. Nesse sentido, um alimenta o outro. Assim como o império, que consegue dominar massas ideologicamente, a Al Qaeda também pode mobilizar massas de desesperados pela humilhação, pela fome, pela falta de perspectivas. E isso é um problema para o Fórum Social Mundial tratar. O FSM tem que saber que tem esses dois inimigos.

Adverso - Que relação existe entre os processos de privatização ao redor do mundo e a corrupção?

O seminário “A face suja do planeta, criminalidade financeira e nova (des)ordem global” promete ser um dos mais inquietantes do Fórum Social Mundial. Será denunciada a lama em que multinacionais, governos e máfias estão atolados até o pescoço, suas relações promíscuas, a lavagem de dinheiro, ou seja, a sujeira que circula escondida nas entradas do capital mundializado. Quem assumiu a responsabilidade de fazer essas denúncias são a Attac-Itália, Fórum Mundial das Alternativas, Gauche Unie Européenne (Gue) e a associação Terre des Hommes. De Belém (PA), onde participa do Fórum Pan-Amazônico, José Luiz Del Roio, do Fórum Mundial das Alternativas, concedeu entrevista antecipando alguns dos temas que estarão em pauta nos dias 2 e 3 de fevereiro.

Wilson Sobrinho

Del Roio - Hoje está provado e comprovado que 10% das riquezas dos Estados nos últimos 10 anos passaram para as mãos dos 100 maiores grupos privados do mundo. Esse é um dado clamoroso. Começa no Brasil, mas pode ser a Argentina, o Uruguai, passa pelos países do Leste Europeu, da Ásia, da África... Todos os países que privatizaram se encontram sem dinheiro, com dívida pública externa aumentada, sem controle e com um Estado muito débil. A Argentina, por exemplo, era um Estado muito forte, muito rico porque acumulou muito depois da guerra. Era quase tudo estatal na Argentina. Hoje o Estado não tem dinheiro para pagar salário aos funcionários. Não é para pagar dívida, é para pagar os funcionários! Onde foi parar todo esse dinheiro? A privatização acaba sempre caindo em grandes grupos internacionais, mas também tem um grupo nacional que quer privatizar por motivo ideológico, além de também ganhar propina. E é propina grossa que vai para paraísos fiscais.

Adverso - O senhor tem uma idéia da quantia do dinheiro sujo que circula no mundo?

“Em 15 anos, entraram em todo capital, só da droga, dois trilhões de dólares”

Del Roio - Esse número não é meu. É da ONU. Em 15 anos, entraram em todo capital, só da droga, dois trilhões de dólares. É três vezes o PIB brasileiro, que deve ser o nono do mundo. É mais ou menos o PIB japonês ou alemão. Tem que acrescentar aí as armas, o tráfico de lixo, que é importante, de humanos. Não são dados da ONU, mas acho que mais ou menos se pode dobrar esse número.

Adverso - E como se dá a relação da máfia no processo de privatização?

Del Roio - A máfia italiana conseguiu, quando estava apertada pela polícia, reciclar o seu dinheiro em atividades legais comprando tudo no Leste Europeu: museus, casas, quadros. Na República Checa, ela privatizou museus. Eles iam lá e compravam os quadros. É uma ótima forma de tornar legal o dinheiro.

Adverso - E isso porque não tinha um controle do estado...

Del Roio - Nenhum. Inclusive porque existia corrupção interna.

Adverso - E como entram nesse sistema as máfias que operam com tráfico de humanos, que pegam as pessoas dos países periféricos para colocá-las na Europa?

Del Roio - Para se pegar um curdo da Turquia e colocá-lo na Itália e depois na França, a máfia tem um lucro em torno de três mil dólares por cabeça. Tem navios –

aqueles que chegam aos pedaços na costa da Itália e da Grécia – que chegam com 200, 300 pessoas cada vez. É só fazer a conta para descobrir que há um lucro de um milhão de dólares por navio. E é um navio atrás do outro. Esse é um dado difícil, pela primeira vez esses números vão ser dados pelo Raffaele Salinari (palestrante responsável por "O tráfico internacional de minorias"). Mas tem que pôr nisso também a prostituição. Temos centenas de milhares de mocinhos que, a partir de 14 anos, são levados do Leste Europeu para prostíbulos de todo o mundo. A Nigéria também é uma grande fornecedora de prostitutas. E por isso que há uma máfia nigeriana muito forte, que atua inclusive no Brasil.

Adverso - Qual a conexão dessa máfia com o Brasil?

Del Roio - É com a cocaína. A cocaína que chega da Colômbia passa pelo Brasil é levada para a Nigéria, dá uma volta pela África e entra na Europa pelo Mediterrâneo. Essa é uma das rotas mais eficazes. São rotas da ilegalidade que, muitas vezes, destroem os Estados. A rota da ilegalidade da droga destruiu os Estados da África Central, porque o Estado é sempre inimigo de uma maneira ou de outra pelo fato de ser Estado. E ali (África Central) tem um outro tráfico para o qual pouca gente dá bola, que é tráfico de diamantes. Angola, Congo, Serra Leoa são os grandes produtores de diamantes, e a moeda de pagamento das armas são essas pedras. Eles não têm com o que pagar toda aquela quantidade de armas. Esse diamante se concentra em Amsterdã e depois é vendido para o mundo todo. A ONU tem tentado muito fazer com que os diamantes tenham origem comprovada. É preciso saber de onde veio, qual a mina produziu e quem comprou. Mas volta a conivência dos Estados e a fraqueza da ONU. É o mesmo neoliberalismo de sempre, que é criminoso e impede essa investigação internacional.

“Para se pegar um curdo e levá-lo à Itália, a máfia cobra três mil dólares por cabeça”

Adverso - O tema desse seminário é um dos mais importantes do FSM. Vai ser redigido algum documento sobre isso?

Del Roio - É muito provável que na corrida do FSM não dê para terminar o seminário e apresentar à coordenação do Fórum um documento. Mas todos os nossos relatores vão fazer um informe da sua especialidade. Vamos pedir colaboração a outros especialistas que não vieram por falta de tempo. Pretendemos inclusive publicá-lo. Apresentaremos ao Fórum. E depois seguramente publicaremos em italiano. Isso já está acertado. E ainda poderemos publicar em outras línguas.